

Samantha Dias de Lima (org.)



Notas sobre o brincar:
experiências na constituição de uma

BRINQUEDOTECA



Samantha Dias de Lima

**Notas sobre o brincar:
experiências na constituição de uma
brinquedoteca
1º edição**

**Estância Velha/RS
2021
Z Multi Editora**

Notas sobre o brincar: experiências na constituição de uma brinquedoteca

Organizadora

Samantha Dias de Lima

Capa

Cleber Zanovello Dariva

Coordenação editorial

Sandra Hess

Diagramação

Cleber Zanovello Dariva

Revisão ortográfica

Aline Nardes dos Santos

Formato

PDF

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

N899

Notas sobre o brincar [recurso eletrônico]: experiências na constituição de uma brinquedoteca / organização: Samantha Dias de Lima; Prefácio: Raona Denise Pohren; Rochele da Silva Santaiana. – Estância Velha: Z Multi Editora, 2021.

154 p.: il.; 16x23cm (xMb ; PDF)

Vários autores.

Projeto desenvolvido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha com apoio do Grupo de Pesquisa em Docências na Educação Básica (Gpedeb)

ISBN 978-65-87449-15-9

1. Brinquedotecas. 2. Educação. 3. Professores – Formação. I. Título. II. Lima, Samantha Dias de. III. IFRS – Campus Farroupilha.

CDU 371.695

Bibliotecária responsável: Maria do Carmo Mitchell Neis – CRB 10/1309

Este livro teve o incentivo de:



Z Multi Editora – Todo mundo tem uma história para contar

@ZMultiEditora | www.zmultieditora.com.br

Palavra-brinquedo: corpos no som

*Dulcimarta Lemos Lino*³⁷

UFRGS

*Bianca de Oliveira Cardoso*³⁸

UFRGS

Dos começos

Começamos esta *Com Versa* voltando nossa atenção às crianças e às suas palavras. Dimensão essencial da vida humana, as *palavras-brinquedo* são “feitas do corpo” (LINO; RICHTER, 2020) que se lançam a compor sentidos na experiência dos começos linguageiros às crianças que fomos – e ainda habitam em nós – e às crianças com as quais convivemos cotidianamente na escola. Essas casas de poesia cheias de música, sons, ruídos e silêncios que se encontram pela linguagem dialogam na inauguração de sentidos e se arriscam a viver o exercício (LAROSSA, 2018) de aventurar-se na experimentação de um tempo em que “estivemos tão fora de um idioma que todas as línguas eram nossas” (COUTO, 2009, p. 12).

Etimologicamente, a palavra “in-fância significa literalmente,

³⁷Pianista, Professora da Faculdade de Educação da UFRGS, coordenadora do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) e do Programa de Extensão PiÁ. Doutora em Educação/UFRGS. E-mail: dulcimartalino@gmail.com

³⁸Professora de Educação Infantil e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS), Pedagoga e especialista em Gestão na Escola/Unisinos. E-mail: bianca.oliveiracardoso@gmail.com

ausência de fala” (LAROSSA, 2018, p. 333); e temos infância justamente porque nascemos não falantes, tendo de aprender a instalar no corpo uma história linguageira (AGAMBEM, 2011). Neste texto, a criança e sua infância encontram suas *palavras-brinquedo*, ao viverem com os corpos no som, paradeiro essencial do mundo que, na ação brincante, toca o vínculo, faz presença e tatua uma voz em língua: a linguagem. Isto porque, “para construir a nossa voz, é necessário ter ouvido alguém falar. Em toda voz existe a presença simbólica do outro” (PARRA, 2008, p. 10). Este encontro de vozes e narrativas profundamente humanas acontece pela escuta (NANCY, 2007) como disponibilidade profunda à ressonância de sentidos (RICHTER; LINO, 2019) que toca o corpo no mundo.

Vale lembrar que

em todas as línguas existe a diferença entre OUVIR e ESCUTAR. Ouvir é um reflexo neurofisiológico enquanto que escutar é uma propriedade do ser humano e implica a existência de um sujeito que quer construir sentido, que quer compreender algo nas interações com os demais. (PARRA, 2008, p.12).

O mesmo acontece com a escrita e a leitura da palavra. Ler o manual do telefone celular e ler um poema são experiências diferentes. Por quê? A linguagem habita os dois territórios; mas uma experiência é informativa, ou melhor, criada para explicitar a funcionalidade específica do aparelho celular, e a outra é poética. Tocar o gesto poético é deixar-se ser corporalmente invadido pelas sonoridades das palavras que não separam fronteiras (artigo, verbo, substantivo, classe gramatical etc.), nem servem à inoperatividade, pois produzem sentidos para tocar a vida: única, inteira, real. É justamente essa ação poética que é a casa das palavras-brinquedo (REYES, 2012).

A escuta de uma diversidade de *palavras-brinquedo* na infância relaciona-se com as primeiríssimas formas de habitarmos a linguagem, uma vez que a audição surge anteriormente ao aparecimento das palavras gramaticais. O bebê, desde o ventre materno, relaciona-se com a voz de sua mãe: “se poderia dizer que se trata de uma das primeiras histórias de amor, pois a música da voz materna calma, sossega e acompanha o bebê” (PARRA, 2008, p. 7). Essa primeira experiência de isolamento, mas em companhia, faz-se corpo narrativo pela sonoridade das palavras, das canções, dos recados de afeto que nutrem, acalantam e instauram **vida com o outro**. A capacidade de tornar-se humano está fundada neste encontro sonoro: eu e o outro. Aqui, pela ressonância, o corpo faz-se casa; e, nas “conversações” (CAGE, 2015), faz-se presença na escuta cheia de palavras que compõem e penetram fronteiras para nos lembrar de novo: “o paraíso são os outros” (MÃE, 2018, p. 34).

Desta relação de escuta e de fala, deste movimento languageiro, que é essencialmente gesto poético musical, porque habitante inseparável de sons e silêncios, é que emergem as *palavras-brinquedo*. Este processo não necessita ser ensinado, e sim experimentado na convivência coexistente de linguagem, uma vez que “minha pátria é minha língua”³⁹ e os encontros musicais a que meu corpo pode vincular-se cotidianamente “encarnam” (MERLEAU-PONTY, 1984) um jeito de estar no mundo. Tais encontros têm autoria para compor “a **nossa própria casa de palavras**” (REYS, 2012, p. 24), que, para além de um dicionário, de um glossário ou de uma partitura que compartilha um código comum, tocam nossa pele: o mundo de palavras, de realidade e de imaginação, de ritmos e melodias, de

³⁹“Minha Pátria é minha língua” frase do poema do Livro do Desassossego de **Bernardo Soares**, heterônimo de Fernando Pessoa, utilizada na canção Língua de Caetano Veloso, no qual ele diz que seu apego não está ligado à nação, à pátria como um território, mas a um pertencimento inCORPOrado desde o ventre materno na forma de som, música, silêncio: brinquedo.

com juntos de poesia, aquilo que a linguagem não nomeia, porque se torna difícil atribuir estatuto de existência (REYS, 2012) ao gesto poético (AGAMBEN, 2011).

Reys (2012, p. 25) afirma que o poema é justamente a desobediência ao sentido literal das palavras. “Para entender o poema, é preciso conectá-lo as sonoridades, tempos, sensações, emoções, ritmos interiores e zonas secretas, permitindo-nos explorar essas zonas de penumbra e ambiguidade da linguagem” (REYS, 2012, p. 25). Narrativa lúdica que vive na fronteira miacoutiana (COUTO, 2013) da natureza orgânica; entidade viva e permeável que não tem fronteiras, porque une contrários, conjuga imaginação, dedica-se a movimentar sentidos estabelecidos pela gramática para tocar singularidade e diversidade em linguagem.

Assim, as crianças habitam a linguagem poeticamente porque brincam com as palavras, dialogam com este encontro da música com a linguagem no mundo. Para as crianças, as *palavras-brinquedo* incorporam tanto o fenômeno brinquedo como a forma brincadeira (HORTÉLIO, 2013, p. 20), porque são inseparáveis. Brinquedo é ação, movimento, verbo: brincar. Nesse sentido, para que um brinquedo possa existir, seriam necessários a palavra, o ritmo, o movimento e o outro, sem separações, pois o brinquedo e a brincadeira são indivisíveis, “um organismo vivo, a manifestação da inteireza, da inteligência com os corpos no som, da sensibilidade e da cidadania” (HORTÉLIO, 2013, p. 24), potência de intenso exercício de tomada de decisões.

Logo, as *palavras-brinquedo* irrompem o cotidiano infantil para inscrever gestos que desenham som (DELALANDE, 1985), potência poética de transformação, apropriação, inquietude e escuta linguageira. Ao tocar as sonoridades e silêncios do mundo, convidam

adultos e crianças a aprenderem a apreender o pensamento no tempo do devir. É uma sabedoria que, no dito dos povos guaranis da Amazônia, é chamada Arandú, isto é, a capacidade de sentir o tempo (HOYUELOS, 2020); registro corporal que toma a boca pela oralidade para compartilhar vida. Fora do tempo cronológico do relógio, do metrônomo, da rotina escolar ou do currículo imposto – onde a música aparece para disciplinar, aprender um conteúdo ou servir ao consumo –, as *palavras-brinquedo* são gestos poéticos sem “sucessão, nem consecutividade, mas intensidade da duração” (KOHAN, 2004, p. 55), porque residem no exercício de tocar o mundo e ser por ele tocado (LINO; RICHTER, 2020) para inaugurar sentidos.

Neste prazer lúdico e lúcido (BARCENA, 2004), compartilhamos com vocês algumas *palavras-brinquedo* que intencionalmente trazemos à sala de aula da escola pública municipal, porque promovem a integração entre o sensível e o inteligível. Basta clicar na nota de rodapé abaixo para escutar a relevância potente e singular dessa complexa experiência de estar em linguagem. Déia⁴⁰ Alencar nos ensina o **brinco: tancachicatanca**⁴¹, *palavra-brinquedo* aprendida no colo de sua mãe. Sendo um tipo de parlenda onde o ritmo, o movimento e o gesto convidam bebês e adultos à diversão e alegria, os brincos tocam os corpos para conjugar vínculo, música, poesia!

As *palavras-brinquedo* também podem viver como parlenda tradicional, isto é, uma declamação que liga ritmo, rimas e aliterações. Aqui compartilhamos com vocês a clássica: “Lá em

⁴⁰Déia Alencar, nome artístico da brincante, aluna no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS, 2020. Palavra-brinquedo coletada em Cartografias Sonoras, Coleção Pedagogia e Música (LINO, 2017-2020).

⁴¹Brinco: Tancachicatanca (Andreia Dias de Alencar). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F-3I2UF8fdg>>.

cima do piano, tem um copo de veneno, quem bebeu morreu, o culpado não fui eu!⁴² Para refletir sobre as *palavras-brinquedo*, criamos uma série de podcasts intitulados “*Pó di questim!*”, que afirmam como as professoras do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) brincam com as sonoridades da palavra ‘podcast’ ao compartilhar sua experiência reflexiva nesse suporte de documentação pedagógica.

As *palavras-brinquedo* podem emergir na forma de improviso, ou seja, em ensaios vocalizados onde as crianças expressam sonoramente suas narrativas lúdicas cotidianas. Compartilhamos com vocês o “brincar de fazer sombra”⁴³ de Beatriz (seis anos), quando a “música em estado de encontro” (LINO, 2020) toca a menina para sublinhar coexistência. As *palavras-brinquedo* sempre estão juntas do corpo, podendo aparecer na forma de canção, ou seja, uma música com letra. Escutemos o que Natália e Laura inventam com a professora na sala de aula: “*Dentes*”⁴⁴. Natália (três anos) vai ganhar um irmão. Conta para Laura (quatro anos) o feito, comentando “que ele vai nascer sem dente!”. Laura, que já tem irmão, compartilha com a colega sua experiência. A entonação do inciso melódico que conduzem na conversação chama atenção da professora, que começa a improvisar no piano algo que possa andar na garupa das meninas. Eduardo corre para a bateria, e as demais crianças se espalham pela sala. Em poucos minutos, toda a turma está envolvida no exercício continuado daquela conversação. Compartilham o espaço de compor-improvisar, testando diferentes possibilidades musicais para o

⁴²Parlenda (Piá: *Pó di Questim*). Disponível em <<https://soundcloud.com/podiquestim-ufrgs/b-parlenda?in=podiquestim-ufrgs/sets/ii-bienal-do-jogo-e-educacao>>.

⁴³Brincar de fazer sombra (Grupo Escuta Poética: *Pó di Questim*). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2zct_HVpuI>.

⁴⁴*Dentes* (*Pó di Questim*). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHtz9mLfg7U>.

fato real que inspira a ação de “barulhar” (LINO, 2010), isto é, brincar com sons. As *palavras-brinquedo* também aparecem como resistência: o tradicional e corriqueiro palavrão. É essa ação recorrente entre as crianças de perseguir o exercício continuado de se colocar diariamente a pronunciar palavras *graaaannndesss*. Entendidas como palavras difíceis de serem expressas, seja pelas particularidades combinatórias da linguagem ou pela extensão de articulações sucessivas, ou ritmos acelerados, registram o desafio e a intensa entrega às feitura do corpo que exigem repetição, sistematização, memorização e assiduidade na experiência de colocar os corpos no som. Para tanto, podemos escutar “*Palavrão*”⁴⁵ na voz de José (quatro anos), marca poética das palavras-brinquedo que temos encontrado na investigação (LINO, 2020).

Das Palavras finais

Neste texto, optamos por habitar a linguagem para além da escrita. Pela escuta compartilhada na leitura de links, procuramos enlaçar o “teorema e o poema” (RICHTER; LINO, 2006) para que, na escuta da infância e de sua gramática profunda, encontremos também possibilidades de dar voz às *palavras-brinquedo* de nossas docências. Essa inquietação epistemológica torna o fenômeno do corpo sensível fonte primeira de sentido e significação que nos instala no mundo (RICHTER; LINO, 2019) e invade as palavras mandatárias da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) para habitar a complexidade e pluralidade dos Campus de Experiência e dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento

⁴⁵Palavrão. Disponível em: <<https://youtu.be/V6kB2xCr8hk>>, José quatro anos, escola pública municipal. Documentação pedagógica em forma de podcast, Pó di questim, (LINO, 2020).

que exigem o docente *compositor*, aquele que toma decisões e inventa propostas.

O movimento deste aprender assegura o direito à interação, à brincadeira, ao espaço de compor gestos poéticos com adultos e crianças. Com as *palavras-brinquedo*, nossos corpos habitam as palavras E a música. Os símbolos E os signos. O analógico E o digital. Esta é nossa ação docente imprescindível: acompanhar a inauguração de gestos poéticos, habitares de expressão de nossa imaginação criadora, pois aqui toda palavra é brinquedo, brincadeira, jogo, ação! Travessia que conjuga escuta e posição – ou seja, a palavra como pronúncia de existência no mundo, que,

porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 1987, p. 50).

E, neste percurso de ampliação dialógica dos canais de fala e de escuta, do protagonismo de crianças e professores, ressignificamos nossas *palavras-brinquedo* e as inscrevemos nas narrativas coletivas cotidianas da sala de aula. O pulsar ressoante dessas experiências languageiras cotidianas, compartilhadas na infância como *palavras-brinquedo*, dão-se ao colocarmos *os corpos no som*. São marcas de sua inteireza, de seu improviso, dos repertórios que temos em nosso corpo adulto e dos cardápios musicais que escolhemos compartilhar com as crianças.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infancia e Historia**: ensayo sobre la destrucción de la experiencia. Adriana Hidalgo Editora: Buenos Aires, 2011. 5 ed.

BÁRCENA, Fernando. **El delirio de las palabras**. Ensayo para una poética del comienzo. Barcelona: Herder Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAGE, John. **Musicage: palavras**. John Cage em conversação com Joan Retallack. Rio de Janeiro: Numa, 2015.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras interinvenções. Ensaios Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Mia. **Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras**. In: Pensar a cultura. MACHADO, Cassiano Elek (org.) Série Fronteiras do Pensamento. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013 p. 195-206.

DELALANDE, François. [1984] **La música es un juego de niños**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 17 ed., 1987.

HOYELLOS, Alfredo. **Viver os tempos emocionados da infância**. In: CABANELLAS, Maria (et al.) [2007]. Ritmos infantis: tecidos de uma paisagem interior. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

HORTÉLIO, Lydia; REYS, Yolanda. **No caminho da leitura**: a importância das palavras, das narrativas e do brincar na primeira infância. In: PRADES, Dolores (Editora). Crianças e jovens no século XXI: leitores e leituras. São Paulo: Livros da Matriz, 2013.

KOHAN, Walter O. (Org.) **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARROSA, Jorge. **P de Professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar**: a música das culturas infantis. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 81-88, set. 2010. Disponível em: <http://abemeduacaomusical.com.br/revista_abem/ed24/revista24_artigo9.pdf>. Acesso em: 04 maio 2019.

LINO, Dulcimarta Lemos. **A Educação Musical na formação de professores dos Cursos de Graduação em Pedagogia Gaúchos**: escuta e criação na experiência de barulhar. Pesquisa Concluída. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 2020a. 182 f.

LINO, Dulcimarta Lemos; RICHTER, Sandra Regina. **Feito Partitura**: palavra sonora como gesto poético de educar. Revista Signo. Universidade de Santa Cruz do Sul, v.45,

n. 83, p. 2-17, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14948/0>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

MÃE, Valter. H. **O paraíso são os outros**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A linguagem indireta e as vozes do silêncio**. In: Textos escolhidos. Col. Os Pensadores. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984. pp 113-126.

NANCY, Jean-Luc. **A la escucha**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. Colección Nómadas.

PARRA, Evelio Cabrejo. **Música de la lengua, literatura y organización síquica del bebé**. In: PARRA, Evelio Cabrejo (et al). Música y literatura infantil colombiana. Cuadernos de literatura infantil colombiana. Bogotá: Biblioteca Nacional de Colômbia, 2008. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/es/document/read/6704121/musica-y-literatura-infantil-colombiana-biblioteca-nacional>>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

REYS, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. **A arte e a imaginação na educação da infância**. Palestra Semana Acadêmica de Pedagogia, UNISINOS, São Leopoldo, out. 2006.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. **Estar à escuta: música e docência na educação infantil**. In: Childhood & Philosophy, Rio de Janeiro, v. 15, out. 2019, p. 01- 24.